

Uma voz antirracista no futebol: entrevista com Bruna Amarante da Silva

Bruna Amarante da Silva¹

Ana Paula Maçaneiro²

Silvana Vilodre Goellner³

Resumo:

Considerando a temática deste dossiê cujo foco está direcionado para questões relacionadas à educação antirracista e futebol, entrevistamos Bruna Amarante da Silva, jogadora com longa trajetória na modalidade e uma das únicas vozes que tem se manifestado contra episódios de racismo. Nascida em Petrópolis, Rio de Janeiro, desde pequena brincava de futebol com meninos na rua. Aos quatorze anos participou de sua primeira equipe e desde então tem atuado em vários clubes no Brasil e no exterior, mais especificamente na Guiné Equatorial, Trinidad e Tobago e Cazaquistão. A entrevista seguiu os procedimentos teórico-metodológicos da História Oral, envolvendo as etapas de transcrição, copidesque, pesquisa, conferência pela entrevistada e autorização para publicação. Por se tratar de uma entrevista longa, para essa publicação, fizemos alguns recortes privilegiando tópicos que detalham a intervenção de Bruna em prol de uma educação antirracista dentro e fora dos campos, inclusive no que respeita a sua percepção sobre a importância da educação escolar no combate ao racismo estrutural que impera na sociedade brasileira.

Palavras-chave:

Futebol. Racismo. Educação. Entrevista.

An anti-racist voice in soccer: an interview with Bruna Amarante da Silva

Abstract: Considering the theme of this dossier, with a focus on issues related to anti-racist education and soccer, we interviewed Bruna Amarante da Silva, a player with a long career in the sport and one of the few voices who have spoken out against episodes of racism. Born in Petrópolis, Rio de Janeiro, she used to play soccer with boys on the streets when she was a little girl. At the age of 14, she joined her first team and since then she has played for several clubs in Brazil and abroad, more specifically in Equatorial Guinea, Trinidad and Tobago, and Kazakhstan. The interview followed the theoretical and methodological procedures of Oral History, comprising the stages of transcription, copy editing, research, review by the interviewee, and her consent for publication. Since it is a long interview, for

¹ Jogadora de Futebol, Esporte Clube São José. E-mail: dasilva-03@hotmail.com.

² Especialização em Saúde da Mulher, Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas. E-mail: ana.macaneiro@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3064-9738>

³ Pós-Doutorado em Desporto, Professora visitante do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas. E-mail: vilodre@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1990-665X>

this publication, we have selected some extracts, emphasizing topics that detail Bruna's intervention in favor of anti-racist education on and off the field, including her perception of the importance of school education in fighting the structural racism that prevails in Brazilian society.

Keywords: Soccer. Racism. Education. Interview.

Una voz antirracista en el fútbol: entrevista con Bruna Amarante da Silva

Resumen: Considerando la temática de este dossier cuyo enfoque está dirigido a cuestiones relacionadas con la educación antirracista y el fútbol, entrevistamos a Bruna Amarante da Silva, jugadora con amplia trayectoria en la modalidad y una de las únicas voces que se ha manifestado contra episodios de racismo. Nació en Petrópolis, Río de Janeiro, desde que era pequeña jugaba fútbol con los niños en la calle. A los catorce años participó de su primer equipo y desde entonces ha jugado en varios clubes de Brasil y del exterior, más específicamente en Guinea Ecuatorial, Trinidad y Tobago y Kazajistán. La entrevista siguió los procedimientos teórico-metodológicos de la Historia Oral, que involucra las etapas de transcripción, corrección de estilo, investigación, revisión por parte de la entrevistada y autorización para publicación, hicimos algunos recortes privilegiando tópicos que detallan la intervención de Bruna en pro de una educación antirracista dentro y fuera de los campos, incluyendo su percepción sobre la importancia de la educación escolar en la lucha contra el racismo estructural que predomina en la sociedad brasileña.

Palabras clave: Fútbol. Racismo. Educación. Entrevista.

1 Introdução

Bruna Amarante da Silva nasceu na cidade de Petrópolis (RJ), no dia 12 de maio de 1984, um ano depois da regulamentação do futebol de mulheres no Brasil. O gosto pela bola acompanhou sua infância, se criou jogando na rua com garotos. O desejo de se tornar jogadora de futebol brotou com maior intensidade ao assistir na televisão partidas entre equipes de mulheres. Com 14 anos entrou para um time que tinha três meninas, e desde então nunca se afastou dos campos. Aos 40 anos ainda se mantém na ativa defendendo a camisa do São José Esporte Clube que, neste ano de 2024 disputa o Campeonato Brasileiro Feminino A2 e o Campeonato Paulista. Ao longo de sua carreira passou por clubes como Internacional de Petrópolis, Volta Redonda e Vasco da Gama (RJ), SAAD Esporte Clube e Associação Atlética Francana (SP), Foz Cataratas (PR), CRESSPOM (DF), Real Dona (Guiné Equatorial), Angels Football Club (Trinidad e Tobago) e BIIk-Kazygurt (Cazaquistão). Em 2010, jogando na Guiné Equatorial, foi convidada a integrar a seleção nacional do país, razão pela qual naturalizou-se como cidadã africana para participar da Copa do Mundo FIFA de 2001, competição na qual disputou uma partida contra a seleção brasileira. Sua experiência na África abriu novos horizontes, inclusive com relação às questões étnico-raciais. Nos cinco anos que lá esteve, procurou conhecer o país, a cultura, as cidades e as pessoas, o que lhe proporcionou um grande contato com sua ancestralidade. Os episódios de racismo vivenciados até então foram ressignificados, reforçando sua indignação e luta. Bruna é uma das únicas jogadoras de futebol que se manifesta sobre esse tema e sua voz tem sido potente dentro dos campos e fora deles.

A entrevista foi realizada no dia 2 de setembro de 2024, por meio da plataforma *Zoom*, e teve a duração de 47 minutos. Sua realização esteve orientada nos pressupostos teóricos e metodológicos da História Oral (AMADO; FERREIRA, 1998; ALBERTI, 2004; MEIHY, 2007) e contemplou as etapas de elaboração do roteiro, realização, transcrição, copidesque, assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e autorização para o uso. Por se tratar de uma entrevista longa, para essa publicação, fizemos alguns recortes privilegiando tópicos que detalham a intervenção de Bruna em prol de uma educação antirracista dentro e fora das quadras, inclusive no que respeita a sua percepção sobre a importância da educação escolar no combate ao racismo estrutural que impera na sociedade brasileira.

Figura 1 - Bruna Amarante da Silva



Fonte: Fabi Oliveira Photos (2023)

2 Entrevista

Silvana Vilodre Goellner (SVG) - Bruna, para iniciar nossa conversa eu gostaria que você falasse da sua infância e da reação da sua família quando você decidiu ser jogadora de futebol.

Bruna Amarante da Silva (BAS) - Eu sou nascida em Petrópolis, filha de uma mulher que criou oito filhos e mais dois que ajudou a criar. Uma mulher que trabalhava muito, era garí. Quando eu tinha por volta de treze, quatorze anos, eu falei para ela: “Mãe, eu vou ser jogadora de futebol”. E ela: “Está bom, filha, vai ser assim”. Só que ela não levava muito a sério, tinha tantos filhos que tinham sonhos, mas era difícil sonhar tendo que ser mãe e pai. Apesar de eu ter o meu pai presente, ele, ao mesmo tempo, era ausente. E ela tentava fazer um máximo de incentivo naquela proporção do que ela tinha conhecimento, sabe? Eu lembro que assisti um jogo do Campeonato Paulista, a Paulistana, acho que era na Rede Vida, e vi jogadoras como a Aline Pelegriño e a Kátia Cilene e desejei aquilo, quis ser jogadora. Eu vi que meu sonho podia acontecer. Iniciei jogando no Internacional de Petrópolis e quando eu tinha dezenove, vinte anos tive a oportunidade de ir para o SAAD Esporte Clube, em São Paulo. Ali eu conheci muitas jogadoras que eram minhas ídolas e isso foi algo muito importante na minha carreira.

SVG - Pensando no tema central dessa entrevista, eu queria que você falasse sobre a sua percepção ao ver mulheres negras em campo. Houve alguma identificação pela questão racial?

BAS - Sim, porque quando eu vi elas em campo, eu era muito pequena. Eu sempre tive um lado nessa questão de ter muita curiosidade sobre o porquê para a gente que é negra, nos diziam que não podia usar ou fazer algumas coisas. Eu sempre me questionava sobre isso. Não que eu era rebelde, mas eu achava que todos, naquele exato momento, tinham o mesmo parâmetro e o mesmo direito. Só que eu não entendia muito algumas coisas que aconteciam. Quando a gente saía de casa, minha mãe sempre dizia: “Olha, tu vai em tal lugar, mas leva o documento”. Eu falava: “Mas por que que eu tenho que levar documento, mãe?” E ela: “Leva, porque nós sempre precisamos usar documento!” Mas nunca explicava o porquê, ela não tinha um conhecimento racial, sabe? Isso até hoje no Brasil ainda falta muito. Algumas jogadoras de futebol têm um certo conhecimento racial, mas ainda falta, é ainda muito ausente. Eu acho que os clubes deveriam ter essa importância, de passar um antirracismo, mas também de incentivar o conhecimento racial para a jogadora conhecer a sua ancestralidade. Talvez teria menos intolerância, porque no futebol feminino ainda existe uma certa intolerância racial, mas também intolerância religiosa. E é devido à ignorância, pela falta de conhecimento. Então, quando eu via na televisão elas jogando, eu me identificava muito. Vou te falar uma coisa: o Inter de Petrópolis foi jogar com o Vasco do Gama e eu passei mal. Isso nunca tinha me acontecido. Eu sou uma pessoa muito equilibrada, mas naquele dia eu passei mal. Tudo bem que eu era muito nova, mas quando eu vi a Pretinha (Delma Gonçalves), eu passei mal. De emoção. *É sério!* Meu Deus, eu acho que ninguém acredita, mas é verdade. Eu passei muito mal quando eu fui jogar contra ela. O Vasco tinha uma grande equipe sob o comando da Helena Pacheco, e Pretinha era a craque. Eu passei mal porque eu vi uma mulher preta, que fez história

no clube, que fez história no Brasil e eu estava jogando do lado dela, entendeu? Aquilo para mim foi muito importante, muito importante.

SVG - Quando você começou a jogar futebol, você percebia algum preconceito por você ser uma mulher negra? Você vivenciou alguma situação que te marcou?

BAS - Eu era muito nova nesse quesito e, como já disse, a minha mãe, pela falta de conhecimento, não sabia explicar algumas coisas e eu questionava sobre tudo. Eu tive uma pessoa que se chamava tia Ângela, uma pessoa muito querida, que me apoiou muito financeiramente para eu me realizar como atleta e como pessoa. Ela tinha um certo conhecimento racial, apesar de ser branca. Era formada em Psicologia, e ela sabia mais ou menos o parâmetro que naquele momento eu ainda não tinha. Ela sempre me ajudava a me impor perante algumas coisas, sabe? E aí eu comecei a detectar situações que eram sobre a questão racial. Às vezes, vamos supor, de ir na casa de um amigo e ele falar assim: “Vamos comer aqui no quartinho.” E eu perguntar: “Por que comer no quartinho e não na cozinha?” Resposta: “Minha mãe não quer que a gente coma na cozinha, porque ela já limpou”. Mas não era só isso. Daí você começa a observar as pessoas, tu começa a ler sobre o tema e toma consciência. Tipo assim: “Gente, tudo isso acontecia, eu não tinha percebido.” Lembro que eu ia jogar futebol e as pessoas me chamavam de mulher macho e de medusa por causa do cabelo. Hoje percebo que estava sofrendo machismo e intolerância religiosa, e as pessoas faziam eu passar por essas situações achando que suas supostas brincadeiras eram engraçadas.

SVG - Em outra entrevista que fizemos, você comentou que a questão racial se tornou mais evidente quando você foi jogar na Guiné Equatorial. Você pode falar sobre isso?

BAS - É sim. Eu acho que teve um adiantamento sobre essa situação. Quando eu estava aqui no Brasil, antes de ir para lá, eu acho que eu tinha entre vinte e dois, vinte e três anos, mais ou menos. E tudo mudou quando eu fui para a África, porque eu estava ali com pessoas que eram do meu mundo, o meu mundo era ali. Eu ouvia histórias, eu comecei a conhecer pessoas que estavam ali que, muitas vezes, alguns eram meus parentes, entendeu? Enquanto eu estava lá, foram quase cinco anos, e eu voltava ao Brasil, eu via a diferença. Até mesmo quando eu falava aqui que jogava na África havia um certo preconceito. Tipo assim: “África?” E eu estava lá, ganhando muito mais do que eu ganharia aqui no Brasil, morando e dormindo em um dos melhores hotéis do mundo e as pessoas olhando: “Poxa, está lá na África!” Lá, as meninas, outras brasileiras que foram comigo, às vezes saíam para encontrar alguns conhecidos delas e eu falava assim: “Não gente, não quero ir não, vou sair”. Às vezes eu saía até escondido, quando era folga, para conhecer o país, eu ia conhecer várias pessoas. Como lá o táxi é popular, eu ia conhecendo as pessoas, eu ia para a casa das pessoas, conhecia elas, elas falavam das histórias delas e tudo mais. E ali eu comecei a pensar assim: “Cara, como eu estou passada, eu estou vivendo um passado que não existe, um presente que não existe, esse é meu presente”. E ali eu comecei a me dar conta de várias questões e comecei a me afastar da minha religião, que era uma bolha. Eu era evangélica na época. Eu vou te dizer, que hoje eu vejo que eu era uma pessoa até intolerante religiosa. De achar que todo mundo tem que se evangelizar, todo mundo tem que conhecer Jesus. Hoje eu não tenho isso para mim. Eu falo que existe coisas na vida que material não compra, que é o lado meu espiritual, que é meu lado que eu encontrei na África, que eu me encontrei como pessoa, que me encontrei como mulher preta, que me encontrei como LGBTQIA+, eu me encontrei plenamente ali,

entendeu? Eu tinha medo de ir para o inferno por causa da minha orientação sexual. Então ali eu me encontrei racialmente e aí eu falei: “Cara, meu mundo é esse, essa sou eu, essa é minha vida, essa é minha história”. Eu fazia questão, eu ia para a igreja evangélica lá e era uma coisa totalmente diferente, um culto maravilhoso, com tambores. Aqui as pessoas ouvem um tambor e falam que é macumba. Gente, pelo amor de Deus, que ignorância, porque a macumba que eles tanto falam, que eles criminalizam, é por causa do negro. Eu hoje eu tenho esse conhecimento, mas antes eu não tinha esse tal reconhecimento racial que eu tenho hoje, entendeu?

SVG – E como foi o retorno ao Brasil?

BAS - Quando eu volto para o Brasil, fiquei seis meses aqui e aconteceu uma situação quando eu fui jogar uns jogos regionais. Nossa, eu lembro até hoje: a menina cuspiu em mim. Eu disse: “O que está fazendo?” Ela era branca. Eu falei assim: “Minha filha, o que você está fazendo?” Ela falou: “Eu estou escarrando!” E eu: “Você não está vendo que cuspiu em mim?” As meninas, as amigas dela: “O que é isso, não tem nada errado, você é preta” Nessa hora eu falei: “Calma, Bruna, muita tranquilidade, calma, equilíbrio emocional, porque qualquer voz ativa que um negro tem, isso é verdade, se torna violência.” Eu serei a violenta e não quem me agrediu, entende? Depois disso eu fui para o Cazaquistão e lá foi pior ainda, era uma colônia russa, e na cidade em que eu estava não tinha tido nenhum negro. Eu fui uma das primeiras, e durante um ano foi muito perrengue, porque até para ter um certo diálogo... Algumas meninas aceitavam, sabiam respeitar, outras tinham uma dificuldade muito grande, mas depois começaram a amenizar comigo. Daí eu me questiono se uma pessoa racista consegue deixar de ser racista? Para ela ter essa evolução vai depender muito dela. Nem todo mundo está preparado para isso e me questiono sobre esse quesito porque no decorrer da minha estada lá, algumas até tiveram uma melhora. No decorrer que a gente foi se conhecendo, sabe? Eu fui conhecendo a família, falando a língua, entendendo a língua. Só que aí chegaram umas meninas nigerianas e o preconceito voltou. E foi essa a minha questão: “o racista melhora ou ele continua sendo racista, só que ele esconde?” E o preconceito com elas foi muito maior do que foi comigo, porque mal ou bem, eu sabia me impor e elas me respeitavam. Elas falavam que era porque eu era brasileira. Eu falava assim: “Eu sou brasileira naturalizada guineano que é africano”. E aí, qual a diferença? Não existe! Com as atletas foi menos pior do que na cidade, porque quando eu passava na cidade, me chamavam de crioula, gritavam macaco. Se eu fosse ao banco e pegasse uma caneta, as pessoas não usavam mais ela, as pessoas não sentavam perto de mim. Até hoje, isso aqui no Brasil parece ser bem normal. Muitas vezes, quando você vai ao banco, algumas pessoas não querem sentar perto de uma pessoa negra. Essa é verdade, também, e ainda acontece.

SVG - Bruna, como você lidou emocionalmente com essa discriminação?

BAS - A vida do negro não é fácil, porque você cresce vivenciando certas situações que, quando você tem um conhecimento racial, você entende que você já sofria e que aquilo ali não pode fazer com que você caia. Hoje, eu faço terapia e me ajuda muito. Aliás, a melhor coisa que eu fiz na minha vida foi fazer terapia. Antes era só Deus, eu falava: “Meu Deus do céu, como é que eu vou fazer isso?” E tipo, a gente não pode gritar, para não colocarem em você tipo uma camisa da violência, de ser violenta, sabe? Foi, assim, muito complicado, foi muito forte. Foi Deus mesmo que me deu força me segurar psicologicamente, para não me

afetar, porque eu falava para Deus assim: “Gente, eu tenho que ficar firme por causa da minha família, eu tenho que aguentar, eu vou aguentar pela minha família.” A mãe já passou por coisas piores, ela sendo gari. Ela conta que quando estava trabalhando como diarista, antes de ser gari, a moça que era a dona da casa falou para ela trazer uma garrafa com água porque a da casa era dela. A minha mãe não tinha o direito de beber e se ela fosse tomar, a água que a moça dava era cheia de cloro. Então são essas histórias de racismo que você ouve desde pequena. Situações que sua mãe passou. Aí você fala: “Poxa, eu tenho que aguentar! Minha mãe também já passou por isso, eu preciso ser forte”. Isso eu criei para mim naquele exato momento. Hoje com a terapia eu consigo lidar um pouco melhor com essas questões. Não que seja fácil, mas em alguns momentos, algumas pessoas têm um certo conhecimento e entendem que não podem fazer o que eles acham que devem, mas ainda vou te dizer que não é fácil.

SVG - E no âmbito do futebol de mulheres, tu percebes a existência de preconceitos?

BAS - Muito, sim. Se a gente for aqui no Brasil mesmo, só por Jesus. Ano passado, eu tive uma lesão muscular na coxa e eu não estava jogando, eu estava só me tratando. E aí o time daqui foi fazer um jogo contra um rival, um clássico, e eu estava na arquibancada. Uma das atletas estava jogando, é negra, e uma torcedora pegou e falou: “Puxa o cabelo dessa crioula”. Falou uma, falou duas, na terceira vez, eu não consegui ficar quieta e de onde eu estava, virei para ela e disse: “O que está acontecendo?” Ela respondeu: “Estou só falando para ela marcar”. Falei assim: “Não, você está sendo racista e nesse exato momento, onde você está, esse lugar é nosso, é do futebol feminino. Se você veio aqui para torcer, tudo bem, agora, se veio para ser racista...”. Aí a filha dela: “Não, ela não quis dizer...”. Retruquei: “Você tem conhecimento suficiente e você sabe que ela foi racista. Enquanto eu estiver presente, ela não vai ser racista, ou ela se cala, ou então se retira do estádio”. Eu não estou no campo do meu time onde eu jogo, mas isso não te dá o direito. Ela é uma atleta do meu time, eu não vou aceitar isso. Agora, se você quiser, eu posso chamar a polícia”. Aí deu uns três minutos depois, ela se retirou. Ou seja, se ela não estava sendo racista, porque ela se retirou?

SVG - E entre as jogadoras, tu percebes episódios de racismo?

BAS - Sim. Eu vou contar um caso que aconteceu comigo: tenho costume de falar que eu acho muito importante que antes da gente falar de alguém, a gente tem que falar da gente, das situações que nós passamos porque aí é a carne que está sofrendo, sabe? E uma das atletas aconteceu assim: eu já tinha percebido que ela era meio indiferente, assim, ela meio que não me tratava com um certo respeito como pessoa. Só que eu não posso cobrar isso das pessoas, desde o momento que elas não gritem, não me diz respeito, mas eu percebia o olhar diferente. Teve um dia que estávamos fazendo uma gincana e tínhamos todas que se abraçar. Ela falou para mim: “Acho melhor a gente não se abraçar.” Só peguei e falei: “É um direito seu, isso já não é mais sobre mim, é sobre você, mas eu vou orar por você, para que você tenha uma evolução espiritualmente”. É a vida.

Outro episódio que lembro com clareza é de um treinador que queria ser engraçado e fazia piada com meu cabelo black. Ele falou uma, duas vezes, e na terceira vez que eu ouvi seu comentário disse a ele que estava aproveitando que tinha um cabelo que mostrava a minha ancestralidade. Falei ainda que era um desserviço um sujeito falar algo para mulheres sobre o seu cabelo, ainda mais ele que era careca. Enfim, não deixei de me posicionar.

Figura 2 – Bruna Amarante da Silva



Fonte: Fabi Oliveira Photo (2023)

SVG - Bruna, você é uma voz ativa, uma das únicas jogadoras que fala publicamente sobre racismo. Você consegue conversar sobre isso com outras jogadoras? Como é a sua atuação no campo do futebol como uma mulher antirracista?

BAS - O racismo é um tema que algumas pessoas ainda não levam a sério, a verdade é essa. Talvez daqui a uns dez anos vão começar a cair numa real, sabe? São poucas as pessoas do futebol feminino que se preocupam com isso. A gente vê grandes clubes que levantam bandeira em relação ao feminismo, ao machismo, mas a conta racial não levantam. É muito difícil você ter uma troca de um assunto que as pessoas não têm interesse. É muito difícil porque poucas pessoas têm interesse. Todo mundo sabe que, se tem uma conversa comigo, eu sempre vou ter uma conversa em relação a isso. Por exemplo, nós, do futebol feminino e LGBTQIA+, uma grande proporção quer ser mãe e nem todo mundo vai gerar filho. Alguns vão ser adotados. E adoção não pede cor, não é? Ela pede amor, então, você acaba tendo uma simpatia, um amor, um carinho pela aquela criança que vai surgindo e você vai adotar a criança, não é pela cor só, é pelo que ela trouxe para você, o amor que ela despertou. Até mesmo aqui no time, a gente troca muita conversa e por incrível que pareça, esse ano a gente tem uma troca muito legal e tudo. Tem até algumas meninas brancas que tentam trazer essas questões. Esses dias teve duas meninas novas, elas conversaram comigo e eu fiquei assim: “Gente, é sério isso?” Elas trouxeram uma coisa muito legal, e a gente trocou uma ideia muito saudável e que eu não esperava que eu fosse ouvir delas. Eu falei: “Gente, eu vou ser bem sincera, não esperava ouvir isso de vocês.” Elas: “Eu sei, Bruna, mas é importante a gente conhecer esse mundo, porque só você sabe o que você já sofreu, o que você sofre, mas somos brancas”. Elas são novas e têm muito futebol pela frente. Elas disseram: “Nós não vamos passar isso que vocês, negras, já passaram e que vocês ainda vão passar. Nem um terço disso

vamos passar.” Eu falei: “Exatamente!” Então, assim, ainda consigo ter assim uma abertura com algumas jogadoras, mas muitas não têm interesse. Por isso é que eu acho que os clubes deveriam ter essas palestras sobre racismo, antirracismo, serem mais ativos com relação a esses temas, sabe? Talvez com isso diminuiria, não o racismo, mas teria um pouco mais de consciência racial sobre as palavras. Como assim? Vamos supor, por exemplo, que existem palavras que não podem ser ditas. Eu converso com as meninas antes de começar o treino, a gente sempre traz uma reflexão. Esses dias eu trouxe para elas e falei assim: “Existem coisas que não se pode mais dizer”. Porque no grupo entre a gente houve uma fala de uma menina que disse algo como “só observo, só observo o índio”. A menina botou isso. Rapaz, passei o final de semana pensando naquilo. Eu não posso colocar as coisas de uma forma agressiva e então falei assim: “Gente, nós precisamos tomar muito cuidado no que nós pensamos e no que nós falamos. Não existe mais índio, existem povos indígenas. Têm palavras que não podem ser ditas. Em um grupo profissional nem se fala. Macaca velha, por exemplo, não se fala mais essa palavra”. Uma perguntou: “Por que não macaca velha?” Respondi: “Dizer macaca para uma pessoa é racismo. Isso não é porque eu sou negra só não, é a linguagem que a gente precisa se atualizar. Porque o tempo passa e a gente está ficando para trás. Por quê? Porque a gente prefere viver o passado dos portugueses, quando roubaram os povos indígenas, quando traficaram os negros? Essa é a nossa realidade, não é a realidade que foi contada na história. Não é uma realidade que o futebol feminino está. O futebol feminino não está exemplar, mas existe uma luta ainda. Para alguns times, o futebol feminino evoluiu, mas para outros e a Federação nem dá atenção. Então, algumas frases não podem ser ditas, algumas palavras não podem ser mencionadas, a luta continua, o assédio continua contra a gente, o racismo continua. Então, se a gente não tiver uma coerência de estudar, só é ignorante quem quer. Se tem dificuldade, vai no Google, vai ler um pouquinho, isso vai ajudar a gente”. Aí elas pararam e pensaram. Às vezes elas trazem alguns assuntos também, e aí uma delas trouxe sobre isso. Eu fiquei até lisonjeada e feliz porque surtiu efeito o que eu falei.

Teve outra situação sobre o uso da linguagem que foi de um treinador que usava muito a palavra *culhão* para nos motivar como atletas. Infelizmente algumas jogadoras começaram a usar este vocabulário no seu cotidiano e fiquei indignada. Um dia, conversando com uma pessoa da comissão técnica da equipe, disse que não era apropriado ou ideal dizer essa palavra, porque éramos mulheres, não tínhamos testículos. Falei que esse termo não era apropriado e termos assim não deveriam ser usados como uma forma de motivar as atletas. Era preciso um vocabulário mais rico e ter cuidado com as palavras. Por fim, eles melhoraram e passaram a não usar mais essa palavra.

SVG - Pensando no tema da educação antirracista, como você observa o papel da escola na formação das pessoas?

BAS - Nós sabemos que a criança não nasce racista, sabemos disso. E o melhor de tudo, se você quer criar grandes pessoas, grandes humanos, é desde criança. O adulto é muito difícil de aprender, para alguns é difícil se desconstruir e evoluir. Eu acredito que o ser humano pode evoluir constantemente, desde o momento que queira, e a criança é natural. Ela não vai olhar de modo diferente para um amigo, entendeu? Eu tenho um projeto e aconteceu já uma situação de racismo do garoto ir lá chamar a colega de macaca porque ele achava que era mais branco do que ela, sendo que o garoto também era negro, só era um pouco mais claro, ele era de uma cor negra diferente da dela. E aí nós tivemos que trazer esse tema sobre colorismo. Como eu vou falar de colorismo com um adulto e não falar para uma criança. A criança vai

crescer sendo um ser humano melhor, um adulto melhor, sabendo olhar para o amigo ou para o suposto ser humano que está ali de modo humano. De não achar que é normal ver um negro morando na rua e deixar de lado. Se vê um branco nessa situação, pensa: coitado. É igual aquela história que vai um deficiente visual branco e pega no braço pedindo ajuda e as pessoas aceitam ajudar. Aí quando é um negro, eles acham que vão ser roubados. A criança não tem isso, a criança não olha para isso, a criança olha de modo diferente. Então acho que começar o antirracismo na escola é o ideal para se formar grandes seres humanos, futuro de uma geração humana. As pessoas falam muito da palavra empatia e eu vejo que começa aí pelo ser humano desde pequeno mesmo. É do pequenino que vai poder fazer uma geração menos racista, porque o cenário hoje está assustador.

SVG - Bruna, tu achas que é possível existir um futebol antirracista?

BAS - Sim, é uma luta constante. É possível existir a causa, mas que nunca vai terminar, acho muito difícil. É muito presente, é uma coisa estrutural porque o mundo foi criado de um modo muito desigual. Isso não é no Brasil só, é o mundo desigual em forma racial que denomina o seu valor pela cor da pele. E isso, é o que mais doi. Eu falo até para o meu sobrinho que tem doze anos, é negro, só que ele é mais claro do que eu. E eu falo para ele assim: “Filho, você é negão.” O pai dele é branco, e diz: “O que é isso, Bruna?” Eu digo: “É negão sim. Filho, deixa eu te explicar uma coisa, quando tu vai na escola, o que que eles falam?” Meu sobrinho: “Falam que eu sou negão.” Perguntei: “E o que tu escreve?” “Tia, hoje eu escrevo que eu sou negão, que eu sou preto.” E eu falo assim: “Exatamente isso porque o mundo não vai te olhar como um branco. Então, se você não se autoconhecer, ninguém vai te conhecer. O povo negro precisa se conhecer, senão...” Antes você me perguntou como eu conseguia aguentar psicologicamente tanto preconceito. Eu vou te falar com toda a sinceridade e de coração: eu não sei como eu suportei. Eu só sei que eu suportei, que suportei até hoje, mas não é fácil não, porque até um cargo, muitas vezes, a gente não consegue por causa da cor da pele e não te explicam porque que tiraram ou porque é que você não tem esse cargo. Então é muito difícil pensar que no futebol não vai existir racismo, vai existir a causa antirracista, mas o racismo vai estar. Quando você vê o Vini Júnior não presente no campo e a torcida a gritar o nome dele. Quando tu vê um garoto chamar o macaco de Vini Júnior, estou dando o exemplo dele porque o racismo contra ele está na nossa atualidade. É muito difícil, é muito triste. E eu fico triste ainda porque tanto no masculino quanto no feminino, o futebol não é muito presente nessas causas, entendeu? Não existe uma luta. Eu não sei se é medo, porque você precisa ter coragem para falar disso, não é? Eu não sei se é medo, eu não sei se é receio ou se é um tanto faz, não sou eu que sofro, entendeu? Mas é uma coisa que para se ter um antirracismo no futebol feminino no Brasil teria que ter coerência e conhecimento, e eles não são muito presentes. Quando você vê um Neymar que não tem um conhecimento, que é um dos maiores jogadores, quando você vê a própria Marta, que se denomina negra, mas você não vê ela lutar, ela não fala de negro, essa é a verdade.

SVG - Para finalizar, o que você, que é uma voz ativa contra o racismo, gostaria de dizer para as meninas e mulheres que desejam entrar no universo do futebol?

BAS - Eu diria que não vai ser fácil, principalmente para quem é negra. Não vai ser fácil, mas que o seu sonho seja maior do que o racismo, do que o fascismo e de todas as dificuldades e formas de discriminação. Seja presente. Acredite em você e tenha o

conhecimento do seu valor mesmo que as pessoas queiram dizer que a sua cor não mereça respeito. Você merece respeito. Isso é o que digo e repito sempre que posso.

Referências

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. (Org.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998

MEIHY, José Carlos. Sebe Bom. **História Oral**: Como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

Contribuições da autoria

Bruna Amarante da Silva: Entrevistada.

Ana Paula Maçaneiro: Elaboração do roteiro, transcrição e edição da entrevista, redação.

Silvana Vilodre Goellner: Elaboração do roteiro, realização e edição da entrevista, redação.

Data de submissão: 09/09/2024

Data de aceite: 10/09/2024